

Projeto Alfabetizar para emancipar jovens e adultos: Os desafios encontrados na Educação de Jovens e Adultos

Carolina Silveira Dias¹

Vitória Santos Figueiro Martins²

Cristiane Lumertz Klein Domingues³

Resumo: Esse artigo tem como objetivo geral dessa observação é analisar a relação do aluno e professor, a fim de compreender suas percepções sobre a EJA e os efeitos da aprendizagem dentro do seu cotidiano. Com ajuda de relatos de alunos e estudantes, registrar dificuldades encontradas com a finalidade de melhoria na Educação de Jovens e Adultos (EJA) para que futuramente não encontremos as mesmas dificuldades encontradas no ano de 2021. A questão problema desta pesquisa é: “Quais são os desafios encontrados por educandos ao entrarem na EJA?” Com a finalidade de responder essa pergunta e outras relacionadas ao processo de aprendizagem, afetividade dentro da sala de aula, inserção da realidade em conteúdos didáticos, e a opinião das educadoras diante de um modelo remoto forçado por conta da pandemia da COVID-19. Quais as principais dificuldades da turma? Qual a diferença de aplicar uma aula para uma série de idade adequada e para a EJA? Como é o processo do vínculo afetivo? Como ele é construído? Qual é o efeito das aulas dentro do cotidiano dos educandos? Dúvidas como essas serão esclarecidas ao decorrer do artigo.

Palavras-chave: EJA; Educação; Aluno.

1 INTRODUÇÃO

Está pesquisa foi feita dentro do projeto de extensão de Educação de jovens e adultos (EJA) de uma universidade no centro de Cachoeirinha, RS, A Educação de jovens e adultos é a modalidade de ensino da rede escolar pública, adotada por algumas redes particulares que recebe os jovens e adultos dos ensinos fundamental e médio que não completaram os anos da educação básica em idade apropriada por qualquer motivo.

O programa da Educação de Jovens e Adultos (EJA) foi criado por um Decreto nº 6093 de 24 de abril de 2007, tendo como objetivo a alfabetização universal de jovens e

¹ Estudante do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Cesuca. E-mail: carolinasilveiradias17@gmail.com

² Estudante do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Cesuca. E-mail: vickysantosmartins@gmail.com

³ Docente do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Cesuca. Doutora em Teoria da Literatura. E-mail: cristianedomingues@cesuca.edu.br

adultos que não tiveram acesso à educação em sua idade adequada ou para quem abandonou os estudos.

Nesta pesquisa iremos entender quais os desafios encontrados pelos alunos no processo de aprendizagem, e o motivo de ingressar no programa da EJA, nessa percepção iremos analisar a participação do professor e sua didática dentro da sala de aula para a construção desse conhecimento, a fim de compreender as dificuldades e desafios que o educando encontra dentro e fora da sala de aula ao começar na EJA, suas percepções sobre a EJA e os efeitos da aprendizagem dentro do seu cotidiano e entender quais são os desafios encontrados por educandos ao ingressarem na EJA?. Esta pesquisa é no modo qualitativo onde através de uma entrevista e de observação direta e indireta ou seja, além de participar de algumas aulas, observar comportamentos, falas e ações dentro do campo da sala de aula de forma direta, entrevistamos e questionamos observando de forma indireta. Em um questionário de 10 questões fizemos indagações sobre: “Como é a relação da aprendizagem com a afetividade dentro da EJA?”, “Quais as diferenças em aplicar a aula para a EJA e para uma turma com a idade adequada para sua série?” e “Quais os motivos que levaram você a não concluir seus estudos?”. Como sabemos que ainda existe muito receio dos alunos a retomada ou a ingresso na EJA, o objetivo dessa observação é analisar a relação do aluno e professor, a fim de compreender suas percepções sobre a EJA e os efeitos da aprendizagem dentro do seu cotidiano. Com ajuda de relatos de alunos e estudantes registrar dificuldades encontradas com a finalidade de melhoria na Educação de Jovens e Adultos para que futuramente não encontremos as mesmas dificuldades encontradas no ano de 2021.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

No primeiro capítulo contido do livro “A sala de aula inovadora”, Daros tenta responder a pergunta: “Por que inovar na educação?”, não é de hoje que as salas de aula tem um formato físico uniforme desde que a escola existe é a mesma organização, ou seja, uma carteira atrás da outra, onde o educando apenas recebe informações e não interage com o meio escolar. Como podemos observar, muito tempo passou, a sociedade não é a mesma, os pensamentos, crenças e tendências, e então, por que a sala de aula é a mesma? É o que os jovens de hoje reclamam de uma prática ultrapassada utilizada pelos seus professores e os seus educadores relatam falta de interesse de seus estudantes.

Sendo assim, onde está o erro? Onde a inovação se encaixa na educação? Acontece

que atualmente jovens, crianças, adultos e idosos utilizam a tecnologia para quase tudo, resolvemos problemas, pesquisamos e conversamos com pessoas do outro lado do mundo em questão de segundos, ir para a escola é desinteressante quando a aprendizagem não é significativa e não propõe crescimento profissional e pessoal do aluno, cada vez mais os professores dão conteúdos prontos como fatos o que não possibilita para discussões e opiniões dos alunos. O grande desafio do espaço escolar é fazer com que os alunos se interessem pelo conteúdo, mas será que o espaço é adequado? O que a parte pedagógica poderia fazer?

Respondendo as questões no parágrafo anterior, segundo o autor os espaços pedagógicos e de formação básica e superior precisam passar por uma transformação inovadora, onde encontrem a ideia e a coloquem em prática, para isso é preciso de uma troca de prática docente adotada pelos profissionais da educação para que isso se torne possível, é trazendo para a escola como ferramentas o aparelho tecnológico que as pessoas tanto usam para dentro da sala de aula, é usando a tecnologia junto com os interesses da comunidade escolar para potencializar e agregar no conhecimento dos nossos educandos, promovendo um crescimento profissional e pessoal, despertando o lado inovador de todas as partes envolvidas.

Diz Thuinie Daros: “Independentemente da implementação de um modelo ou uma nova estratégia inovadora, toda prática educativa deve ter caráter intencional e necessita de planejamento e sistematização. (DAROS, 2018, p.30).”

Em uma sala de aula inovadora os professores são mediadores do conhecimento, priorizando a interação e a experiência própria do educando, fazendo o local de ensino seja transformador e complementar com seus interesses, fazendo um mecanismo de causa e consequências, por que e para que. Essa sala de aula inovadora se faz possível quando existe vontade de aprender de ambas as partes cumprindo seus papéis, o professor planejando, mediando o conhecimento, oferecendo espaços para interação e experiência do educando, já esse citado deve questionar, participar e se envolver, para concluir ambos devem sempre buscar inovar.

A educação de jovens e adultos pode se tornar mal vista perante a sociedade, pois se trata de alunos cujo período escolar não foi concluído em seu tempo correto. Que ao mesmo tempo objetiva oferecer educação a grande parte da população que não teve acesso ou até mesmo foi excluído das escolas. Esse projeto teve início nos anos 40, pouco antes da constituição de 1934. Acredita-se que com a educação de adultos a sociedade possa alcançar

um alto patamar de superioridade Educacional e cultural.

Diversos programas governamentais foram criados ao longo dos anos a fim de alfabetizar as amplas parcelas de adultos analfabetos nos mais variados locais do país organizações Como a Unesco vem combatendo o alto índice de alfabetização desde a segunda guerra em 1971 foram convertidos de quatro para oito anos constitui constituindo ou então denominado ensino de primeiro grau, porém essa obrigatoriedade seria apenas para crianças e adolescentes de sete a 14 anos de idade. Nas quais passou o supletivo para pessoas mais pobres que eram obrigadas a ingressar na vida do mercado de trabalho, contudo a falta de incentivo político e financeiro foi fazendo com que os programas de Educação de Jovens e Adultos caíssem cada vez mais, mas em declínio. Isso acaba implicando cada vez mais o indivíduo concorrer a uma vaga no mercado de trabalho, pois as exigências de ensino completo ou até mesmo cursos especializantes para exercer tais funções. No entanto é necessário o incentivo ao estudo e à formação para diminuir ainda mais as diferenças entre classes socioeconômicas e culturais que é encontrada em muitos lugares do Brasil.

Uma nova pauta dentro da educação começou a ser discutida recentemente a questão da afetividade dentro da sala de aula e qual é o papel dela, qual a função dela dentro do processo de aprendizagem? Segundo Leite e Tassoni, a preocupação antigamente era o que ensinar, hoje em dia a preocupação é como ensinar, ao longo do texto os autores discutem sobre sentimento, emoção e paixão, e a motivação que precisa para aprender. Entre os autores citados no texto, Wallon é o mais citado, é quem diz que a emoção é o primeiro vínculo afetivo do homem, analisa desde o início da vida a afetividade do ser humano. Importante ressaltar que a emoção vem antes de qualquer sentimento, pois a emoção é rápida, o sentimento é duradouro.

O debate do texto tem como principal destaque a forma que o professor direciona seu aluno, a forma com que ensina, tem que ser com simpatia, respeito e carregado de sentimentos, para que assim o aluno se sinta confiante, seja autônomo e tenha seu protagonismo dentro da sala de aula.

3 METODOLOGIA

Com a finalidade de responder questões, como: “Como é a relação da aprendizagem com a afetividade dentro da EJA?”, “Quais as diferenças em aplicar a aula para a EJA e para uma turma com a idade adequada para sua série?” e “Quais os motivos que levaram você a

não concluir seus estudos?”, contamos com a colaboração dos entrevistados que são alunos e professores para responderem os questionamentos apontados, a entrevista é composta por 10 perguntas para os profissionais envolvidos e 5 perguntas para o corpo estudantil do projeto considerando e respeitando os conhecimentos do aluno.

Essa pesquisa é de campo, qualitativa e utiliza como instrumento a entrevista dentro de uma observação direta e indireta, ou seja, além de participar de algumas aulas, observar comportamentos, falas e ações dentro do campo da sala de aula de forma direta, entrevistamos 2 alunos e 4 professoras, observando de forma indireta. Já dentro do campo qualitativo esperamos receber informações das pessoas envolvidas no campo de pesquisa, respeitando seus relatos sem modificá-los e apresentando os dados coletados na análise de dados.

Segundo Sylvia Roesch: “Perguntas abertas em entrevistas evitam a influência do pesquisador sobre as respostas. (ROESCH, 2009, P.21).” A coleta de dados e do material concedido com entrevistas e observações, fará parte da análise de dados onde serão analisados detalhadamente as respostas e tópicos abordados de forma relacionada com textos e documentos que se encontram no referencial teórico e serão retomados nesta parte do artigo.

Seguindo esses conceitos, segundo Sylvia Roesch (2009, p.21) “Na pesquisa de caráter qualitativo, o pesquisador, ao encerrar suas coletas de dados, se depara com uma quantidade imensa de notas de pesquisa ou de depoimentos, que se materializam na forma de textos, os quais terá de organizar para depois interpretar.” Podemos levar como base os dados coletados, respostas da entrevista para a construção de um texto e uma análise de forma esclarecedora para que leitores reflitam e possam adquirir de alguma forma o conteúdo apresentado neste artigo especificamente na análise de dados.

4 ANÁLISE DE DADOS

A primeira pergunta feita para as docentes foi: “Como é a relação da aprendizagem com a afetividade dentro da EJA?” A: “*Nós normalmente costumamos trabalhar bastante essa questão porque precisamos acolher, independente de qual for a idade e situação em que a pessoa se encontra nesse processo de retorno, sabemos que não é fácil com uma certa idade querer retornar e em alguns casos tem até preconceito, então tentamos fazer o máximo para que se sintam acolhidos em um lugar onde serão bem recebidos e vão poder compartilhar o que quiserem.*”; B: “*Bem*

importante, diria que a questão mais importante é afetividade e empatia porque são alunos que chegam até com medo da gente, tem aluno que não quer nem chegar perto de ti, te olha por trás de outra pessoa, e quando é aula remota que é o caso agora, eles ficam com a cabeça baixa meio escondidos, então essa questão de empatia e afetividade é o segredo da EJA.”

Perguntamos às professoras se elas incluíam a realidade do dia a dia dentro dos conteúdos abordados em aula, as educadoras responderam que sempre tentam incluir, para elas é importante a interação do didático e o real, principalmente para esses alunos que já possuem mais tempo de vivências e experiências sociais. Pergunta 2: “Como é a inclusão da realidade dentro dos conteúdos didáticos da EJA?” A: *“Tentamos trabalhar bastante a questão da realidade deles, sempre falamos que cada aluno traz sua bagagem da vida dentro da EJA, eles muitas vezes podem não saber ler, escrever, mas eles trazem muitos conhecimentos consigo, então a gente tenta atribuir coisas do cotidiano deles, coisas que já podem ter passado, para trabalhar na sala de aula.*

Outra pauta que chamou a atenção foi como é divulgado esse projeto em tempos de pandemia, questionamos os profissionais sobre o índice de matrícula, as respostas que recebemos foi como isso é influenciável em questão de quantidade, ainda mais que recentemente tivemos um processo em que todos tiveram suas aulas transformadas de modo forçado para educação remota ou a distância por conta da pandemia. Pergunta 3: “Como poderia melhorar o índice de matrícula?” B: *“Esse é o nosso ponto fraco, porque como são pessoas que não sabem ler nem escrever eles têm muita dificuldade, eles não acessam as redes sociais que é por onde a gente fez um chamamento eles precisam de algum familiar, alguém que possa ler e dizer...Olha lá e tem alfabetização de Jovens e Adultos... Então essa questão ela é bem complicada para gente.*

Ainda sobre essa questão da dificuldade encontrada dentro desse momento atípico em que estamos vivenciando, a pergunta 4 foi: “A turma teve alguma dificuldade em comum?”

C: *“Faço parte do projeto desde o início, então iniciei no projeto de forma presencial e automaticamente por conta da pandemia virou tudo remoto, acho que a maior dificuldade é que nessa questão tanto para eles (alunos) quanto para nós (professores) foi se adaptar a essa realidade, pois agora eu não estava mais em frente ao meu aluno, mas estava do outro lado da tela e tudo isso foi um grande desafio para nós.”*

A próxima pergunta teve como tema o processo de aprendizagem, tivemos respostas tanto com a relação didática quanto a relação afetiva. Pergunta 5: “Como poderia melhorar o processo de aprendizagem na EJA?” A: *“Acredito que sempre temos a questão da leitura, pois*

é isso que vai desenvolver nele o aprender a ler e também o escrever, cremos que a leitura seja a base de tudo, então é sempre bom incentivá-los a ler um texto, jornal.”; B: “O nosso olhar é sempre individualizado, procuramos observar qual o nível que cada um está e buscamos trabalhar essa especificidade, não é um trabalho geral, embora a gente faça um dia na semana trabalhamos com todo turma e no outro dia trabalhamos com as dificuldades específicas de cada aluno.”; D: “Procurando conhecer mais esse aluno, no momento em que você conhece ele, deve abrir caminhos e as portas para ser inserido dentro desse contexto também.” Lendo essas respostas percebemos como é importante para os educandos uma aula em grupo, para eles se sentirem confortáveis vendo que outros podem ter a sua mesma dúvida e o atendimento individualizado para que ele melhore cada vez mais a sua leitura e escrita e trabalhando onde tem mais dificuldade. Dentro da pauta da afetividade, a pergunta 6: “Como é a relação entre professor e educando?” A: “Podemos dizer que é muito bom, tentamos ao máximo chegar mais próximo possível, só se tiver uma privação por parte do aluno, claro não sendo invasivo, não chega assim de uma hora para outra “vamos ser próximos”, é um processo que a gente vai construindo ao longo do tempo assim mas a gente tenha o máximo ser próximos e amigos dos alunos.; B: “A gente sempre procura conversar coisas fora, fazer uma brincadeira para que eles se sintam à vontade, mostrar para eles que nós somos iguais, mostrar que a gente não tá ali naquela posição do superior, que a gente tá ali numa posição de igualdade, mostrar as nossas fragilidades também para que eles entendam que nós também temos.”

Além disso, a coordenadora e professora do projeto de extensão comentou que existe um grupo no aplicativo “*whatsapp*” para que esses alunos tenham um contato facilitado com as docentes e vice-versa, o que acaba sendo uma ferramenta de aproximação de ambas as partes. Diz Leite e Tossoni: “Pode-se afirmar que as relações de mediação feitas pelo professor, durante as atividades pedagógicas, devem ser sempre permeadas por sentimentos de acolhimento, simpatia, respeito e apreciação [...] (LEITE E TASSONI, p.20).” Assim como a afetividade é importante para o processo de aprendizagem, a forma como lida com o seu público também tem o seu destaque, não tem como dar a mesma aula para turmas diferentes e ser exatamente igual, seguindo esse contexto foi feita uma indagação as profissionais, pergunta 7: Quais as diferenças em aplicar a aula para a Eja e para uma turma com a idade adequada para sua série? B: “A única diferença é que a gente tem que cuidar para não infantilizar, esse é o principal ponto, a proposição de leituras de atividades que a gente não trate eles como as crianças, porque é um público diferenciado é um público que já carrega uma experiência de vida, já está no mercado de trabalho, já tem uma família constituída, então tem uma outra experiência uma outra bagagem e isso contribui para nossa aula.”; C: “A diferença de aplicar

aula para turma de EJA e uma turma de idade adequada para a série é não infantilizar, eu não posso trazer um material infantil para uma pessoa de 30,40 e 50 anos, imagina eu trazer determinadas atividades que eu posso trabalhar no 5º ano por exemplo que seria um jogo infantilizado, eu não posso fazer isso para uma pessoa de 80 anos em aula, não dá! vou estar dizendo que ele é infantil não vou ter levado em conta tudo que ele já sabe então eu não posso infantilizar.”

As entrevistadas relatam como é dar aulas dentro da EJA tomando cuidado para não infantilizar seus estudantes, apesar de que toda a bagagem deve ser respeitada, mas principalmente esse público em específico já que são um grupo de adultos, com suas vivências. Mas para todo público o professor deve saber utilizar os conhecimentos prévios de sua turma, independente do seu nível de aprendizagem os alunos. Por mais que as educadoras do projeto saibam que não podem infantilizar seus alunos, ainda assim encontram dificuldades de trabalhar determinados conteúdos sem infantilizar, então perguntamos: Quais as dificuldades que o professor encontra em dar aula na EJA? A: *“Muitas vezes a dificuldade é procurar um desenvolvimento da metodologia, como podemos aplicar aquilo para essa faixa etária? Como vamos aplicar isso sem deixar infantil? Precisamos pensar muito em como trazer determinados assuntos e conteúdos para que não fique infantil.”*; Seguindo o roteiro da entrevista, a nona pergunta entra novamente dentro do campo da afetividade, dessa vez perguntamos como é a construção desse vínculo, se ele é feito e como é feito. Pergunta 9: *É criado um vínculo afetivo? Se sim, como é feito esse processo?* B: *“A gente tem a bolsista do nosso projeto e ela tem um grupo do Whatsapp com todos os nossos alunos e lá eles conversam, ela traz as atividades para gente olhar e a gente dá feedback e ela repassa, manda notícias, conversa com eles, sabe deles.. então tem sempre esse contato direto com os alunos.”*; D: *“Temos momentos de conversas, de falar sobre a nossa vida, sobre nossas expectativas, nossos anseios nossas, nossas lutas para eles, para eles perceberem que a gente também passa por dificuldade, que a gente passou, que a gente também tem ou já tivemos esses medos, eu por exemplo comecei a estudar à tarde, então para dar encorajamento”*

As professoras revelam que o contato não é só na hora da aula, mas é durante todo esse processo, fazendo contato com seus alunos para saber como estão, em casos de falta perguntar o motivo. Focando no início da jornada de aprendizagem e o retorno do estudante a sala de aula, a pergunta 11 foi: Na visão do professor, qual é a maior dificuldade encontrada pelo estudante ao ingressar na EJA? A: *“Eles possuem uma certa barreira entre estar aprendendo e não estarem aprendendo nada, por mais que estejam progredindo eles não conseguem enxergar isso e acreditam que não sabem nada, por conta disso às vezes ocorre a evasão.”*; D: *“Os alunos já chegam com o preconceito da sociedade, por eles não terem aprendido no tempo certo, não*

saberem ler e escrever, e pensam que não vão aprender, a baixa autoestima é a maior dificuldade do por que eles não ingressam.” Alguns tópicos nas falas das educadoras chamam a atenção como, a baixa autoestima, dizer que não vai conseguir, considerar que não sabe antes mesmo de tentar fazer a atividade proposta, nessa questão afetividade entra em cena novamente para acolher esses alunos e trazer segurança e autonomia, mas enquanto fazem esse processo é preciso do apoio do educador.

A penúltima pergunta feita para as docentes foi referente ao Projeto de Extensão, seus pontos positivos e pontos fracos, pergunta 11: Qual é a opinião do professor sobre o projeto da EJA? Seus pontos fracos e positivos? B: “*A gente conseguiu um grupo de professores que amam que faz então eles, esses alunos e ex-alunos, tem gente aqui que é egresso e que tá aqui ainda por conta do projeto, eu acho que isso é a base de tudo sabe, fazer aquilo que a gente gosta, quando a gente faz o que a gente gosta a gente faz da melhor forma que a gente pode, então eu também estou orgulhosa com o grupo que eu consegui formar as pessoas que dão aula lá são pessoas que dão aula só porque querem ajudar, elas se esforçam, estudam, perguntam então... elas também estudam para poder dar a aula.*”; D: “*Eu acho um projeto maravilhoso, que tenta levar adiante a educação, abrindo os novos caminhos, novos horizontes para esse público, então é muita vontade da gente em trabalhar nessa área, e os pontos negativos é que aqui geralmente o nosso público hoje ele depende de alguém, de um adulto que já saiba tecnologia e que ajude que incentive eles.*” Além de oferecer espaço e experiência para os estudantes da faculdade de pedagogia do centro universitário no qual o projeto extensão também pertence, o projeto é benéfico tanto para os professores quanto os alunos da EJA, ambas as partes se ajudam, tanto o estudante da pedagogia que aprende a ensinar e o estudante da EJA que aprende a ler e escrever. A última pergunta feita para o grupo de docentes do projeto foi: Qual é a sensação de ver a evolução de aprendizagem de seus estudantes? D: “*É uma alegria muito grande, nos sentimos felizes quando vemos a evolução deles, pois é muito gratificante, pois nos colocamos no lugar deles e pensamos como é difícil ter dificuldade e querer ler e não enxergar porque quando não lemos, não enxergamos.*”; C: “*Gratificante. Acredito que hoje depois de 5 anos e meio de faculdade e hoje formada, é a melhor sensação do mundo é quando ele consegue ler alguma coisa, ele chega cru e a gente vai moldando ele, quando ele aprende, quando ele consegue ler alguma coisa é como se todo aquele tempo valesse a pena.*”

Com certeza a melhor resposta e retorno que a sociedade poderia ter desse Projeto de Extensão sem fins lucrativos, seria ter cidadãos leitores e escritores e professores que acreditem que a mudança possa ser feita através da educação, da alfabetização de jovens e adultos. Como dito anteriormente foram entrevistados 2 alunos do projeto, foram feitas 6

perguntas para esses. Pergunta número 1: Quais os motivos que levaram você a não concluir os seus estudos?

M: “Porque me casei e resolvi parar”; H: “Porque tinha muita dificuldade de aprender a ler e a escrever, aí não consegui e desisti, estudei 7 anos na primeira série e não consegui, aí desisti.” Pergunta 2: Teve apoio de familiares para voltar aos estudos? M: “A família dá muito apoio, todo mundo quer, e a gente acha muito bom, assim o aprender a ler bem.” Pergunta 3: Quais as principais dificuldades para voltar a estudar? M e H: “Acho que por telefone é meio ruim e porque o tempo passa muito rápido e até a gente pegar tudo direitinho é muito ligeiro, se fosse talvez por folha, entregar umas folhas pra gente fazer os exercícios e responder no caso do H, acho que seria melhor, mais motivador, mas é bem isso que, é meio complicado atender por telefone, muito pouco tempo.” Pergunta 4: O que você mais gostou de aprender? M e H: “Aprender a ler” Pergunta 5: O que você diria para alguém que deseja voltar aos estudos? M e H: “Que nunca é tarde e realmente a gente quer aprender e confia em Deus, então isso é muito bom, muito bom.” Pergunta 6: Percebem algum efeito da aprendizagem no seu cotidiano?

M: “E o efeito da aprendizagem no cotidiano, é que o H teve um pouco de entusiasmo, é... ele começou a ler uma coisinha que ele não lia, ele pega alguma folha, algum livro para ler alguma linha. Ele pensa em desistir, mas eu vou continuar insistindo.”

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo teve como objetivo responder ao seguinte problema de pesquisa: Quais são os desafios encontrados por educandos ao ingressarem na EJA? Com o objetivo geral analisar a relação do aluno e professor, a fim de compreender suas percepções sobre a EJA e os efeitos da aprendizagem dentro do seu cotidiano, compreender as dificuldades e desafios que o educando encontra dentro e fora da sala de aula ao começar na EJA.

A metodologia deste artigo é composta por entrevista dentro de uma observação direta e indireta, ou seja, além de participar de algumas aulas, observar comportamentos, falas e ações dentro do campo da sala de aula de forma direta, entrevistamos e questionamos observando de forma indireta. Já dentro do campo qualitativo recebemos informações das pessoas envolvidas no campo de pesquisa, através de um questionário de 10 questões, respeitando seus relatos sem modificá-los e apresentando os dados coletados na análise de dados. Em nossa análise entendemos a importância de acolher, ter empatia e criar condições para que seja feito um vínculo afetivo fazendo com que o aluno se sinta mais confortável, confiante e seguro no meio social que se encontra para que então aconteça a aprendizagem,

é muito importante o professor saber que não se deve infantiliza-los, pois, a bagagem de vida e suas experiências não se torna cabível tal ação. Alguns tópicos nas falas das educadoras chamam a atenção como, a baixa autoestima, dizer que não vai conseguir, considerar que não sabe antes mesmo de tentar fazer a atividade proposta, nessa questão mostra como afetividade é importante para acolher esses alunos e trazer segurança e autonomia, mas enquanto fazem esse processo é preciso do apoio do educador, mas então: Quais são os desafios encontrados por educandos ao ingressarem na EJA? Como estamos no meio a uma pandemia de Covid19 as aulas estão sendo remotas, as principais dificuldades encontradas pelos educandos é as atividades feitas via telefone, pois existe uma barreira e um desentendimento maior por não tem o contato direto com o professor ou a folha de atividades, fazendo com que a aprendizagem se torne mais lenta e cansativa para eles. Para uma nova ideia de pesquisa podemos indagar como foi a adaptação dos educandos da EJA ao modo remoto em tempos de pandemia da COVID-19 e quais as dificuldades encontradas no processo da aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- CAMARGO, F.; DAROS, T. **A sala de aula inovadora**. Porto Alegre: Editora Penso, 2018.cap.1, p 27-33.
- DI PIERRO, M.C.; JOIA, O.; RIBEIRO, V.M. Visões da educação de jovens e adultos no Brasil. **Cadernos CEDES**, v. 21, n. 55, 2001.
- LEITE, S.A.S.; TASSONI, E.C.M. **A afetividade em sala de aula**: as condições de ensino e a mediação do professor. Grupo de Pesquisa ALLE. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/alle/textos/SASL-AAfetividadeemSaladeAula.pdf>.
- ROESCH, S.M.A. **Projetos de estágio e de pesquisa em administração**: guia para estágios, trabalhos de conclusão, dissertação e estudos de caso. São Paulo: Editora Atlas S.A.-2009.